



Alameda de entrada, ladeada por palmeiras, da Fazenda Bela Aliança, em Descalvado, rumo à casa sede construída em taipa de mão e pilão, no final do século XIX. A fazenda mantém estrutura produtiva de café e se dedica hoje ao turismo rural.

FAZENDAS

DESAFIOS PARA SE PRESERVAR O PATRIMÔNIO RURAL

Elas já ocuparam papel central na história brasileira. Irradiando poder econômico e político por sua produção de cana-de-açúcar ou café, as fazendas paulistas tiveram papel fundamental no desenvolvimento do estado de São Paulo e do Brasil. Hoje, com o intenso processo de urbanização e avanço do agronegócio tais propriedades estão em risco de extinção. Para inverter essa tendência, a Associação das Fazendas Históricas Paulistas buscou a universidade para encontrar atividades econômicas que viabilizem a preservação das fazendas. Foi criado, então, o projeto “Patrimônio cultural

rural paulista: espaço privilegiado para pesquisa, educação e turismo” que envolveu 17 fazendas de várias regiões do estado, em cidades como Itu, Campinas, Mococa, São Carlos, Tietê e Sorocaba. A pesquisa teve apoio financeiro da Fapesp e envolveu treze instituições de ensino e pesquisa – entre elas a Embrapa, o Instituto Agrônomo de Campinas e as três universidades públicas paulistas: USP, Unesp e Unicamp. O patrimônio cultural rural congrega o conjunto de registros materiais e imateriais decorrentes das práticas, costumes e das formas de produção estabelecidas na área rural. A história do estado de São Paulo é marcada pela exploração agrícola, primeiro a cana-de-açúcar, depois o café, pela forte presença do imigrante europeu no centro do estado, com as colônias de moradores junto às fazendas de café, e uma grande ligação com as ferrovias. No Vale do Paraíba, de ocupação mais antiga, ainda é possível encontrar vestígios da presença de escravos,

como as senzalas e instrumentos de punição nas fazendas, ou ainda forte memória da figura do tropeiro que transportava produtos no lombo do burro rumo ao litoral. Mergulhados no ambiente urbano, aos olhos dos moradores das cidades as fazendas se tornam invisíveis. Em Campinas, por exemplo, é possível até hoje encontrar casarões do século XIX. Segundo Marcos Tognon, pesquisador do Centro de Memória da Unicamp e coordenador do projeto, a cidade possui, em sua área urbana, mais de 40 fazendas, densidade que pode ser reproduzida para várias outras cidades como Itu, São Carlos, entre outras. A expansão das cidades, porém, representa uma séria ameaça a esse patrimônio já que os custos da manutenção são elevados e não há mecanismos formais de incentivo para os proprietários que querem preservar. “Existe uma incapacidade em nós, indivíduos eminentemente urbanos, de compreender esse patrimônio rural. Nele estão muitas raízes da cultura urbana paulista, parte dos



Acima, fachada da tulha da Fazenda Quilombo, em Limeira, fundada na década de 1870, originalmente com plantação de café; no alto, casa sede da propriedade que hoje mantém criação de cavalos e gado, além de atividades de turismo.

nossos hábitos, da culinária, além da música caipira, originária nesse mundo rural”, assinala Tognon.

INVENTÁRIO PARA MAPEAR CULTURA A ausência de um inventário global e acessível ou de metodologias de inventário para os bens culturais é um grande problema no Brasil. “Em outros países da América Latina e Europa essas normativas são instrumentos de política pública”, aponta Tognon. O caso mais emblemático

é o da França que criou uma política pública totalmente dedicada ao turismo, hoje sua maior fonte de riqueza. “Isso só foi possível por meio de um inventário que mapeou todo o patrimônio cultural daquele país. É um exemplo para o mundo”, compara o pesquisador. Um dos objetivos do projeto Fazendas Históricas Paulistas foi, justamente, criar uma metodologia para inventariar adequadamente o patrimônio cultural rural paulista.

“Somente a partir desse mapeamento será possível criar políticas de preservação e explorar o potencial turístico desses locais”, acredita. A elaboração dessa normativa foi iniciada este ano, a partir de uma parceria dos pesquisadores do Centro de Memória da Unicamp com o Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico) e com o Gabinete da Casa Civil do governo do estado de São Paulo.

O patrimônio cultural rural paulista tem características específicas, diferentes do patrimônio cultural urbano. “Ele possibilita compreender todas as fases da ocupação do território, aspectos históricos, tecnológicos, econômicos, relações de trabalho, religiosas, alimentação, assim como valores familiares e sociais”. Para o pesquisador, é urgente criar estímulos à preservação dessa cultura. Um dos instrumentos seria associar atividades de preservação ao turismo e à educação patrimonial. Parte do trabalho desenvolvido ao longo do projeto, iniciado em 2008, foi oferecer oficinas em todo o estado de São Paulo para ensinar como elaborar projetos de captação de recursos, conservar tijolos, fazer a manutenção de telhados, preservação de fotografias e oficinas específicas para turismo. O objetivo é profissionalizar muitas atividades turísticas que já estão sendo oferecidas nessas fazendas, muitas vezes, de modo intuitivo. Outros produtos da pesquisa serão um conjunto de 35 cartilhas sobre patrimônio, abordando procedimentos básicos da conversação de vários tipos de patrimônio material como a arquitetura, fotografias,

móveis, utensílios e documentos e um dossiê sobre o turismo praticado hoje nessas fazendas. A partir do material coletado em algumas delas será organizado um livro com receitas típicas das fazendas paulistas.

PATRIMÔNIO IMATERIAL A maioria das 17 fazendas paulistas que fizeram parte do projeto Fazendas Históricas Paulistas arrendou suas terras para plantações intensivas de cana ou laranja, em um modelo de agronegócio altamente mecanizado, totalmente diferente daquele vivido pelas fazendas em seus tempos áureos. Essas propriedades passam a ter apenas os prédios históricos e uma pequena área de entorno. O modelo de agronegócio vigente impõe uma nova dinâmica social nas fazendas históricas, que elimina as festas, as celebrações religiosas, toda uma cultura rural deixa de existir porque a comunidade que dava sentido a essa vida migrou para a cidade.

Esse conjunto de práticas compreende o chamado patrimônio intangível, termo cunhado para distinguir essa herança do patrimônio arquitetônico ou natural. “O projeto nas fazendas históricas paulistas tem se preocupado em captar esse patrimônio imaterial, ainda existente no meio rural paulista”, conta a socióloga Olga von Simson, da Unicamp, que coordena as pesquisas nessa área. “Trabalhamos com a memória dos atores sociais que viveram na fazenda, no auge de sua atividade econômica e social para reconstruirmos e registrarmos a riqueza que esse patrimônio imaterial teve no passado”, completa. Diversos elementos aparecem no contato com essas pessoas que viveram por

muitos anos no meio rural, segundo a pesquisadora. “Fica clara a função dos gêneros naquelas comunidades: o homem ligado ao trabalho na terra, ao esforço da produção e a figura feminina ligada ao cuidado, seja no preparo dos alimentos, dos remédios e no cuidado da casa”, exemplifica a pesquisadora. Das entrevistas com as mulheres surgem lembranças de músicas, novenas, das festas para os santos padroeiros, superstições para fazer chover, as sortes para achar marido, segredos da culinária, receitas de remédios à base de plantas.

TURISMO COM ALMA Com a migração para a cidade, essas fazendas, suas casas, equipamentos, jardins, acabam se transformando em espaços subocupados já que os novos modelos de atividade econômica a que elas se dedicam e os novos modelos familiares não dão conta de ocupar as imensas salas, os quartos, a grande cozinha. “Essa memória que tentamos reconstruir permite colocar alma nesses espaços, antes plenamente ocupados, mas que hoje estão esvaziados”, acredita Olga. “A ideia é se valer desse conhecimento e tentar traduzi-lo em estratégias de divulgação da vida rural antiga para o turista”, complementa. Algumas fazendas já têm aproveitamento empresarial, são hotéis-fazenda, especializadas em cavalgadas, ou já recebem grupos de turistas para visitas de um dia. Outras praticam um turismo mais simples, recebendo famílias para o turismo chamado de habitação, quando as pessoas ficam hospedadas na fazenda participando das atividades cotidianas.

Patrícia Mariuzzo

FICÇÃO CIENTÍFICA

CINEMA E LITERATURA A SERVIÇO DA CIÊNCIA

“A imaginação é mais importante que o conhecimento”, pois não tem fronteiras, é ilimitada, argumentava Albert Einstein. Esse poder imaginativo o físico alemão certamente usou para elaborar teorias que o alçaram para a história. Sua teoria da relatividade, grande avanço para a ciência, inspirou obras ficcionais que povoaram a mente de diretores de cinema, roteiristas e escritores. Exemplo clássico é a espaçonave Enterprise, da série *Jornada nas estrelas* (*Star Trek*), que começou a ser exibida no início da década de 1960. A série lançou ideias que estão até hoje no imaginário das pessoas, como vida alienígena inteligente ou atalhos no espaço-tempo. O caminho que leva especulações científicas à ficção pode ser considerado, porém, uma via de mão dupla: criações ficcionais também servem de inspiração para cientistas na produção de novas tecnologias. No livro *A física de Jornada nas estrelas* (1996), o cosmólogo e astrofísico Lawrence M. Krauss reflete sobre “os desafios que teriam que ser enfrentados [na vida real] ao conceber a tecnologia da ficção” como, por exemplo, o universo ficcional do filme, que propõe inclusive o teletransporte. Na introdução da obra, o célebre físico britânico Stephen Hawking exalta a